

NOTA DE PESQUISA

O ESPAÇO DA MORTE NA CAPITAL MINEIRA : Um ensaio sobre o Cemitério de Nosso Senhor Do Bonfim*

Marcelina das Graças de Almeida**

Inaugurado no dia 08 de fevereiro de 1897 o Cemitério de Nosso Senhor do Bonfim comemorou, junto com Belo Horizonte, o seu centenário.

Trata-se de um local pleno de significações que se inserem no campo dos dogmas, superstições, lendas e verdades. Assim como os prédios, praças e ruas, o cemitério é um lugar imprescindível em toda e qualquer sociedade histórica. Ao se organizar em núcleos habitacionais os homens precisam refletir acerca do espaço que deve ser destinado aos mortos e assim ao verticalizarmos nossas reflexões acerca da forma como esses homens se comportam e definem os ritos, os signos e emblemas que revestem os cemitérios nos permitiremos compreender alguns aspectos desse universo complexo que abrangem as atitudes humanas perante a morte.

Ao nos debruçarmos num estudo mais detalhado em relação ao Cemitério de Nosso Senhor do Bonfim, desejamos compreender, através dele, um pouco da História da capital mineira e de seus habitantes.

* . Este trabalho foi apresentado na categoria de comunicação livre durante o XIX Simpósio Nacional de História, realizado em julho de 1997, no Campus da Universidade Federal de Minas Gerais.

** . Mestre em História pela Universidade Federal de Minas Gerais e professora de História da rede municipal de ensino de Belo Horizonte desde 1992.

O Cemitério do Bonfim foi erguido junto com a cidade. Na verdade, uma das primeiras medidas tomadas pela Comissão Construtora da Nova Capital em relação à organização espacial da nova capital foi determinar a proibição dos sepultamentos que se faziam no adro da Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem. Ordenou-se a construção de um cemitério provisório até que se concluísse o definitivo. Este localizava-se onde hoje cruzam as ruas Rio de Janeiro, dos Tamóios, São Paulo e dos Tupis.

O cemitério definitivo, "Bonfim", foi erguido numa área que escapava ao perímetro urbano traçado e determinado pela Comissão Construtora. Ocupando uma área de aproximadamente 170.036 metros quadrados num lugar denominado "Alto dos Meneses" foi projetado e construído sob a supervisão técnica da mencionada comissão. Os responsáveis pelos desenhos e plantas foram Hermano Zickler, José de Magalhães e Edgard Nascentes Coelho.

Com traçado arquitetônico semelhante ao da cidade, possui 54 (cinquenta e quatro) quadras divididas entre alamedas principais e ruas secundárias. Até o final do ano de 1996 haviam sido registrados 185.247 sepultamentos. Diante de sua dimensão e espacialidade podemos enxergar no "Bonfim" uma cidade. Trata-se da cidade dos mortos, confrontando-se com a cidade dos vivos.

Esta relação pode ser compreendida quando percebemos que muitos daqueles que participaram do processo construtivo da capital mineira tiveram atuação marcante no processo decorativo do cemitério.

Além da atuação dos técnicos da Comissão Construtora da Nova Capital, o cemitério contou com atuação de escultores e marmoristas que, ao decorarem túmulos e mausoléus, criaram naquele local um belo e intrigante espetáculo artístico.

Muitos foram os artistas/artesãos que registraram seu talento nos túmulos e mausoléus do cemitério. Tomando como ponto de partida o período circunscrito desde sua inauguração até meados da década de 20¹, pudemos identificar alguns nomes que ali atuaram. São eles: os irmãos Natali (Ernesto, Trento, Carlo e Augusto, filhos de Oreste Natali), Carlo Bianchi, João Amadeu Mucchiut, Gino Ceroni, Nicola Dantolli, Antônio Folini, Lunardi, Alfeu Martini e José Scarlatelli.

¹. Esta demarcação temporal se justifica na medida que o projeto inicial desenvolvido pela C/ARTE Projetos Culturais teve como objetivo levantar dados acerca da produção artística em Belo Horizonte no período 1894/1920 como parte integrante do projeto "Um século de história das artes plásticas em Belo Horizonte".

Um delicado trabalho de investigação das obras e autores vem sendo realizado com o intuito de mapear a produção, características e valor histórico-artístico das obras realizadas por esses artistas/artesãos.

Gostaríamos de aqui destacar alguns dos nomes que temos, até o momento, conseguido identificar. Iniciaremos apontando a relevância de um nome pouco conhecido nos circuitos das artes da capital mineira: o austríaco Mucchiut.

João Amadeu Mucchiut (1878-1938), nascido na Áustria, era escultor, tendo estudado na Escola Industrial de Trieste na Itália. Não se sabe ao certo quando imigrou para o Brasil, mas já se tem notícias de sua atuação em Belo Horizonte nas primeiras décadas desde a inauguração da cidade.

Em Belo Horizonte realizou trabalhos de decoração no altar-mor da Matriz de São José (1929), na fachada da Basílica de Nossa Senhora de Lourdes (1916 /1922), na porta principal do antigo prédio dos Correios e Telégrafos (já demolido) e no Palacete Borges da Costa (atual Academia Mineira de Letras).

Segundo Raul Tassini², o escultor tem obras no Rio de Janeiro e em cidades no interior de Minas Gerais³. No ponto de vista de Tassini a obra escultórica de Mucchiut no cemitério do Bonfim é notável tendo sido responsável pela execução de vários túmulos encomendados por várias famílias importantes no cenário social da capital mineira.

Os trabalhos identificados como de autoria de João Amadeu Mucchiut se destacam pela leveza e opção pelos elementos florais, anjos, guirlandas e pássaros que, mesmo sendo temáticas comuns ao universo da arte tumular, adquirem uma conotação especial através das mãos do escultor. Uma exceção à originalidade do trabalho escultórico de Mucchiut diz respeito à composição escultórica dos bustos, no qual se percebe uma certa rigidez e padronização das peças.

No entanto, podemos afirmar que os trabalhos do escultor austríaco nos permitem enxergar o cemitério como um local onde se podem apreciar obras escultóricas de esmerado valor artístico, revelando-se também a importância histórica da preservação e manutenção desse verdadeiro museu de arte a céu aberto.

Merecedores de igual destaque se revelam os responsáveis pela confecção dos trabalhos realizados no ateliê dos irmãos Natali. Segundo

². TASSINI, Raul. **Verdades Históricas e Pré-históricas de Belo Horizonte - antes Curral Del Rey**. Belo Horizonte: s/e, 1947. p. 91-92.

³. Estas obras ainda não foram devidamente identificadas e relacionadas.

depoimento escrito de Augusto Natali⁴ a família chefiada por Oreste Natali (1864-1947) se instalou na capital em meados de 1897 no bairro do Barro Preto e lá abriu uma marmoraria que passou a fornecer seus serviços para todo tipo de obra que fosse requisitada na cidade.

Em meados da década de 40 mudaram-se para um galpão no cruzamento das ruas dos Tupis e avenida Bias Fortes e só mais tardiamente transferiram-se para a praça do Bonfim. Os lotes e pertences adquiridos haviam pertencido a Zeferino Scalabrini, falecido naquela ocasião.

Os Natali são responsáveis pela grande parte dos túmulos e mausoléus que compõem o cenário fascinante do Cemitério do Bonfim. Diante da demanda chegavam a contratar outros artistas/artesãos para auxiliar na produção de determinados trabalhos. Um exemplo é o escultor João Scuotto.

João Scuotto (1902-1982)⁵, nascido na capital paulista possuía raízes italianas. Seus pais, avós e alguns irmãos eram italianos. Seu avô paterno, Francisco Scuotto, era um escultor conhecido em Nápoles, tendo sido convidado pelo presidente Rodrigues Alves para participar das obras artísticas do Teatro Municipal. Ele recusou o convite, mas indicou seu filho Alfredo Scuotto para realizar as mencionadas obras.

Francisco Scuotto, acompanhado da esposa e filhas, deslocou-se para o Brasil, São Paulo, onde morava um parente e iniciou seus trabalhos em terras brasileiras. Nesta ocasião nasceu João Scuotto.

Aos seis anos de idade João Scuotto e família mudaram-se para o Rio de Janeiro e será na cidade maravilhosa que o menino João, avesso à disciplina escolar, começou a aprender o ofício de escultor tendo o pai como mestre. Na fundição aprendeu a moldar, tirar fôrmas e fundir, sendo que, após a morte do pai, passou a substituí-lo na confecção dos projetos.

No início da década de 50 João Scuotto e família, tendo aceito o convite de Ernesto Natali para trabalhar na marmoraria, mudaram-se para a capital mineira.

Em Belo Horizonte Scuotto desenvolveu e aplicou suas habilidades artísticas que já haviam sido demonstradas nos locais por onde passara, especialmente Rio de Janeiro e São Paulo.

⁴. NATALI, Augusto. **Depoimento**. (Texto manuscrito). s/e, s/d.

⁵. MELLO, Mariza C. P. de. **“João Scuotto“ e a Arte Escultural Cemitério do Bonfim**. Belo Horizonte: ESAP/FUMA, 1989. (Trabalho apresentado para complementação do Curso de Pós-Graduação em Museologia, da Fundação Mineira de Arte Aleijadinho).

Além de trabalhar para os irmãos Natali prestava serviços em outros lugares e chegou a montar um ateliê próprio situado no Bairro Floresta.

A capital e localidades vizinhas possuem trabalhos executados diretamente por João Scuotto ou que pelo menos contaram com sua colaboração. Destacaremos aqui o Cristo Redentor do bairro dos Milionários, no Barreiro.

As obras de João Scuotto que ornamentam os túmulos do cemitério do "Bonfim", a maioria esculpida em bronze, se destacam pela força e expressividade. O artista possuía um talento especial para executar retratos, estando essa sua qualidade estampada em diversas de suas obras espalhadas pelo "Bonfim".

Estes são alguns dos artistas, entre tantos que trabalharam no cemitério do "Bonfim". Nossa pesquisa vem progressivamente recuperando e revelando seus nomes. Acima de tudo, tem sido possível comprovar que atuaram para além dos muros do cemitério, o que, certamente evidencia sua importância no panorama artístico-cultural da capital mineira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MELLO, Mariza C. P. **Do Cemitério de Curral Del Rey ao Cemitério Definitivo-Bonfim**. Belo Horizonte: ESAP/FUMA, 1989. (Pós-Graduação em Museologia).

_____. **João Scuotto e arte escultural: cemitério do Bonfim**. Belo Horizonte: FUMA, 1989.

NATALI, Augusto. **Depoimento**. (texto manuscrito). s/e, s/d.

PAIVA, Eduardo França. A Nação/República, a Cidade e o Cemitério. In: PAIVA, Eduardo França. (Org.). **Belo Horizonte: Histórias de uma cidade centenária**. Belo Horizonte: Faculdades Integradas Newton Paiva, 1997. P. 17-42.

TASSINI, Raul. **Raul Tassini expõe: verdades históricas e pré-históricas de Belo Horizonte, antes Curral Del Rey**. Belo Horizonte, s/e, 1947.

VALLADARES, Clarival do Prado. **Arte e Sociedade nos cemitérios brasileiros: Um estudo da arte cemiterial ocorrida no Brasil desde as sepulturas de igrejas e as catacumbas de ordens e confrarias até as necrópoles secularizadas**. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1972. 02 volumes.

Revista de História Regional 3(2) 187-191, Inverno 1998.